

ASPECTOS E EXPERIÊNCIAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA¹

Ivana Alencar dos Santos²

Márcia Valéria Silva Santos³

Maria Caroline Ferreira Barreto⁴

Mikaelle Barbosa dos Santos⁵

Tatiana Silva de Lima⁶

Ao propor reflexões sobre o ensino de história, Thaís Nívia de Lima Fonseca busca em “A história do ensino de história” (2006) a compreensão sobre ensinar história em sala de aula, como também qual história ensinar. Fonseca elucida como o ensino de história se diferencia da disciplina de história, no sentido que distanciam-se mas possuem algum tipo de relação apesar das poucas discussões. Desse modo, o desenvolvimento do saber histórico está vinculado não somente à escola, mas também aos diversos mecanismos que formaram a memória coletiva, auxiliando na construção das identidades nacionais que se reconheçam como sujeitos da história.

Faz-se necessário pensar sobre o ensino de história no Brasil, já que é um dos pilares da construção do conhecimento, sabendo que as condições de trabalho podem interferir na maneira como este ensino irá acontecer. Paulo Freire (1979) traz que o docente tem que aderir ao compromisso de agir e transformar a realidade em que o próprio e os estudantes estão inseridos. Partindo do entendimento de que todos estão incluídos em um mundo no qual a realidade está envolta de construções históricas e que com seu caráter histórico, o professor deve ter compromisso em transformá-la:

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" os homens verdadeiramente

¹ Resumo expandido desenvolvido com o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, ivana.alencar@upe.br

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, marcia.silvasantos@upe.br

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, caroline.barreto@upe.br

⁵ Professora da Rede Estadual de Educação de Pernambuco - Sertão Médio São Francisco. mikaellebarsan@gmail.com

⁶ Professora Adjunta do curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina, tatiana.lima@upe.br

comprometidos ficam “molhados”, ensopados. [...] A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. (Freire, 1979, p.19).

Um ponto de destaque no exercício da docência é a inclusão de todos alunos, especialmente aqueles com deficiências e neuro divergentes no sistema regular de ensino, mas são inúmeros os obstáculos que dificultam que a política de inclusão se torne uma realidade nas escolas. Um desses empecilhos é o despreparo dos professores do ensino regular para atender em suas salas de aula, muitas vezes superlotadas, essa gama de alunos. Outrossim, “não deve haver distanciamento entre a realidade escolar e o formar professores, pois este pode ser um dos pontos nevrálgicos para a eficiência do processo de consolidação da docência.” (Silva, p.30-31).

O projeto institucional da UPE, aprovado pelo PRP, é um projeto institucional fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o seguinte título: “Articulações pedagógicas inovadoras na docência inclusiva: caminhos para o processo formativo docente”. E o presente resumo expandido busca expor a experiência vivenciada no primeiro módulo na escola-campo: Escola de Referência em Ensino Médio Marechal Antonio Alves Filho - EREMMAAF, de 22 de Novembro de 2022 até 24 de Abril 2023, com a supervisão da preceptora Mikaelle Barbosa dos Santos.

O primeiro módulo iniciou com a inserção dos residentes nas plataformas cabíveis, estudos e planejamento do módulo I, planejamento e execução da abertura da atual edição na UPE, campus Petrolina. Atuamos no 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental e nos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, nos quais tivemos o acompanhamento da professora orientadora Tatiana Silva de Lima (UPE). Nós, residentes, nos dividimos em uma dupla e um trio para as observações das aulas e para a realização das regências, da preceptora e de Mardali Mendes Barbosa, outra professora de história da instituição. Portanto, as experiências aqui relatadas foram compartilhadas pelas residentes Ivana Alencar dos Santos, Márcia Valéria Silva Santos e Maria Caroline Ferreira Barreto.

Toda a preparação dos alunos do PRP foi voltada para trabalhar com a acomodação de alunos com deficiências físicas e intelectuais bem como a inclusão de minorias dentro dos conteúdos que seriam trabalhados dentro das aulas de história. Os dois primeiros encontros do núcleo EREMMAAF, foram inicialmente para conhecer a escola, a direção, a preceptora e os funcionários do AEE. Célia Regina Cruz Silva, Especialista na modalidade de Atendimento Educacional Especial explicou como a adaptação das atividades dos alunos PCDs funcionava bem como o acompanhamento.

Devido ao momento atípico do início do primeiro módulo e a implementação do novo Ensino Médio, ocorreu a diminuição da quantidade de aulas de história, foi necessário recorreremos à adaptação das distribuições de carga horária para as regências, bem como construção de estratégias para lidar com menos tempo de aula e uma demanda de conteúdos que continua o mesmo do projeto de ensino regular.

Ao darmos início ao período de regências, contamos com apoio da preceptora e da orientadora. Os planos de aulas foram realizados a partir das discussões nos encontros formativos sobre Educação Inclusiva, Acessibilidade, Ensino de História, Decolonialidade e Adaptação Curricular, contando com a participação da preceptora. Transformamos a sala de aula em um laboratório, observando, comparando e pondo em prática os métodos de ensino-aprendizagem. Levamos exemplos de fontes históricas para que pudessem entender melhor a construção da história e sempre deixando aberta a possibilidade de um diálogo referente aos assuntos trabalhados. A exemplo prático, fizemos uso de memes que abordassem os conteúdos estudados como uma tentativa de aproximação com os estudantes.

Por outro lado, diversos desafios surgiram nesse período de regência. Desde a organização da carga horária semanal com poucas aulas, os alunos que não nos reconheceram como docentes regentes, sempre recorriam à preceptora para tirar dúvidas, apesar de estarmos à frente da sala de aula. Mesmo com toda orientação passada sobre a elaboração das atividades inclusivas, tivemos dificuldade em produzi-las com tanta especificidade, o que infelizmente ainda há é um sentimento de impotência diante dessas adversidades, pois não houve uma formação contínua e eficaz, sendo esta uma luta diária de professores e professoras que estão em sala de aula.

Então o Residência Pedagógica pode ser percebido como uma oportunidade singular para um novo programa de estágio, que possa colaborar e repensar efetivamente a formação de professores, em que pese todas as dificuldades e inadequações de sua implementação. (Santos, 2021, p. 30).

A construção do produto didático teve o enfoque na inclusão da população negra nas mídias de comunicação, visto que a comunidade escolar possui muitos estudantes pretos e de classes mais baixas. O produto é uma cartilha inspirada na disciplina de História do Brasil II, ministrada pela orientadora Prof^a. Dr^a. Tatiana Silva de Lima no projeto “Temas Contemporâneos: Relações étnico-raciais nos ritmos da história” sendo feitas adaptações para se utilizar em sala de aula. A cartilha intitulada “A Mulher Negra na Terceira Pessoa” objetivou traçar discussões sobre a representatividade de mulheres pretas nas telenovelas

brasileiras, exibindo as relações étnico-raciais e de gênero no contexto histórico estudado em sala de aula.

A cartilha faz uma análise minuciosa sobre representações e heranças da era escravista no Brasil Império, pondo em evidência uma narrativa alheia à protagonização dessas mulheres pretas, por isso “ a Mulher Negra na Terceira Pessoa”. Portanto, fizemos pontes entre passado e presente instigando os alunos a pensarem nos perigos de uma narrativa única. Para melhor contextualização do tema, apresentamos a palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie intitulada: “Os Perigos de Uma História Única” disponível na plataforma do Youtube, que dialoga totalmente com a proposta a qual nos propomos trabalhar em sala de aula.

Ao final da apresentação realizamos uma dinâmica com os alunos do 3º ano, propondo que todos fechassem os olhos e fizessem um exercício de imaginação, onde percorreriam a escola e “metessem o pescoço” nos diversos ambientes que convivem e procurassem quantas pessoas pretas ocupam esses espaços, desde os cargos de maiores privilégios até os menos favorecidos, até mesmo em sala de aula. Os alunos participaram da apresentação, foram bastante questionadores e conseguiram entender a temática, algo que está muitas vezes implícito. Assim, proporcionamos uma reflexão crítica e inclusiva sobre a estrutura social brasileira, já que esta é a grande temática desta edição do Programa Residência Pedagógica.

No segundo módulo, maio de 2023, demos início às observações, regências, encontros formativos e de estudo, a partir da educação antirracista e decolonial e de metodologias ativas, a exemplo da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) juntamente ao planejamento de um projeto que abarca a inclusão dos povos indígenas. Também é discutida a construção de um produto didático áudio/visual que será construído pelos estudantes e em coletivo com a preceptora e as residentes.

O Programa de Residência Pedagógica oportuniza uma vivência real do que é e como ocorre a prática docente, de como são estabelecidas as relações entre os professores, a administração, a coordenação com os estudantes, que possibilita o entendimento da realidade que não nos alcança como alunos na graduação. O programa se mostra cada vez mais necessário para que saíamos dos muros da universidade e para que possamos pôr em prática o que aprendemos na nossa formação.

Por fim, esse tema tão importante como a educação inclusiva nos faz pensar e aprimorar nossa formação docente, para que possamos adaptar e flexibilizar o modo como ensinamos e avaliamos. A Residência pode ser um grande instrumento para diagnosticar as falhas na rede básica de ensino no Brasil, os licenciandos estão em plena formação dentro das

academias escrevendo e produzindo ciência, com ideias novas prontas para serem colocadas em prática.

Palavras-chaves: Residência pedagógica, Inclusão, Ensino de História.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Vilmar Aires dos. Formação docente em história: o programa de residência pedagógica e a imersão na educação básica. **Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc**, v. 4, n. 2, 2021.

SILVA, Hesley Machado. Programa residência pedagógica: oportunidades e dificuldades em um contexto de redução da demanda pelas licenciaturas no Brasil *in*: TAVARES, Andrezza; SOUSA, Karla; CRUZ, Keila (org). **Residência pedagógica e formação docente em debate inicial**. 2022.